O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

ANNO XXIX

Assignaturas, pagamento adeantado
Portugal e Hespanha: anno 1$300; semestre 650. Colonias portuguezas, salvo quando os assignantes mandem pagar directamente, 1$600. Extrangeiro, exceptuando Hespanha, 2$500.
Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

AVEIRO, 16 DE OUTUBRO DE 1910

Publicações
No corpo do jornal 120 réis a linha. Primeira pagina 15000 réis. Ultima pagina — pagina d'annuncios — 40 réis a linha. Em qualquer pagina a linha é contada em columna d'annuncio.
Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Nº 1:382

A invasão dos gafanhotos

Como dissémos no ultimo domingo, a nossa attitude é de *absoluta intransigencia* com os homens do poder. Mas, como tambem prevenimos, não se deprehenda d'ahi que vamos prégar a insurreição contra o regimen. Somos republicano. Sempre o fomos. Não queriamos a republica antes do paiz estar preparado para ella, e no estado de tremenda desmoralisação do partido republicano, pois, independente mesmo do grave risco da aventura, seria, d'esse modo, contraproducente. Mas veio? Veio. Agora, é andar para deante.

Depois, mesmo que não fossemos republicano, de que valeria prégar a insurreição? Uma tolice! A republica succumbe, sim. Mas não succumbe deante da revolta. Succumbe ao peso dos adeptos. A republica succumbe. Mas não ha logar, já, para outra forma de governo, porque succumbe a patria com ella.

Ha de se confirmar tudo quanto aqui dissémos, e parece impossivel que os republicanos honestos e intelligentes, aliás bem poucos, o não vissem. Sempre dissémos que a proclamação da republica seria a consagração definitiva do espirito de banditismo. E se-lo-hia: 1.º porque entre os proprios republicanos avultavam os homens sem escrupulos; 2.º porque a adhesão dos monarchicos seria immediata e total; 3.º porque, não estando formada nem a intelligencia nem o caracter do paiz, não haveria elementos a oppor a essa invasão da ladroeira.

E' o que se está a confirmar, desde já. E' o que se ha de acabar de confirmar plenamente.

E' um espectaculo vergonhoso, aviltante, demonstrativo da dissolução profunda em que estrebucha o paiz, esse que os monarchicos, os que se diziam monarchicos, ahi estão offerecendo. Adhere tudo! A toda a hora esperamos a adhesão da propria familia real, agora no exilio. Ha de adherir o infante D. Affonso. Ha de adherir D. Manuel. Ha de adherir a Senhora D. Amelia e a Senhora D. Maria Pia. Ha de adherir tudo!

Porque a monarchia *cahiu de podre*, como se pretende?

Não. Quem cahe de podre é o paiz.

Não cahiu de podre a monarchia, não está enraizada a idéa republicana no coração d'este paiz de selvagens em que 80 % dos cidadãos não fazem, sequer, idéa de republica. O que isso prova é que não ha convicções, nem seriedade, nem decencia, nem pudor. Tanto se fala, tanto se tem falado em ideal! E o que os factos demonstram é que o unico ideal, n'esta terra, para as classes dirigentes é... *comer*. E não só comer. Refocillar!

Como resiste o partido republicano, o velho partido republicano, a essa invasão de especuladores, de comedores, de tubarões vorazes, sempre engulindo e sempre insaciaveis? Ainda que o partido republicano fosse, todo elle, composto de homens energicos e honestos, não teria maneira de resistir. Quanto mais estando o partido republicano, tambem, pejado de bandidos.

Diz-se que o governo provisorio ordenou que todos os empregados de confiança fossem tirados dos homens que acompanharam o partido republicano no tempo da monarchia. Mas de que serve isso? Mesmo na hypothese do partido republicano não estar, elle proprio, profundamente desmoralisado e profundamente corrompido, de que serve isso?

O partido republicano, o velho partido republicano, só tinha força em Lisboa, no Porto, e em mais dois ou tres pontos do paiz. No resto estava em grande minoria. Ora, por emquanto, ainda elle pode fazer frente á bandalheira monarchica. Mas ámanhã, quando a situação entrar n'um periodo regular? A'manhã, quando se acabar a dictadura?

A dictadura não se pode prolongar por muito tempo. Deve, mesmo, acabar, o maximo, em dois ou tres mezes. Ir alem d'esse periodo, seria offender gravemente a democracia. Seria cahir n'uma incoherencia fulminante, desde que o partido republicano passou a vida a combater as dictaduras. Seria, em face do extrangeiro, um grande perigo.

Quando José Dias Ferreira deu o golpe de *salvação publica* nos credores internos e externos, a Allemanha objectou-lhe: «Não sabemos o que sejam dictaduras.» Esteve o caso muito serio. Por fim, Dias Ferreira acalmou-a com a promessa de convocar o parlamento *sem demora*.

A'manhã, n'um conflicto internacional, n'um incidente de alguma importancia, a Allemanha, a Hespanha, qualquer outro, póde, justificadamente, perguntar: «Que situação é essa? Que republica é essa? O paiz reconheceu, porventura, a republica? Só ha uma maneira de o sabermos: pela urna!»

E não ha duvida. A urna é, democraticamente, a unica maneira de se manifestar a opinião publica.

Ora, finda a dictadura, iniciado o periodo eleitoral, o partido republicano, o velho partido republicano é absorvido, inteiramente absorvido pelas clientelas monarchicas, que não se desfazem, que se manteem intactas, desde que os monarchicos, em peso, adheriram. O mais que succede é formarem-se, sobre este e aquelle velho grupo republicano, novos partidos *monarchicos*, isto é, novos partidos monarchico-republicanos. E continuaremos na mesma vida de deboche, de crapula, de infamia, de vergonhoso banditismo.

Isto era um facto previsto.

A unica garantia da republica seria um partido republicano honesto, uma massa geral d'alguma cultura, e um partido monarchico a impedir que ella se desmoralisasse cahindo no abuso. Mas se não temos um partido republicano honesto, ou, antes, se no proprio partido republicano a parte honesta é vencida pela parte corrupta, se não temos uma massa culta, elemento de correcção e estimulo, se o partido monarchico se converte inteiramente em partido republicano, que temos nós a esperar da republica? Que differença ha entre monarchia e republica?

Se a monarchia em monarchia não se continha, commettendo os ultimos crimes, tendo na sua frente um partido revolucionario violento e destemido a fiscalisa-la e a ameaça-la, como se ha de conter a monarchia em republica não tendo na sua frente fiscalisação nem opposição nenhuma?

A monarchia não se continha, sob a grave ameaça republicana, porque já tinha o proposito feito de mudar d'etiqueta, sem demora e sem pejo, logo que viesse a republica. Amanhã continuar-se-ha a simples e velha lucta de mandibulas entre os partidos. A lucta *pacifica*, sem sobresaltos, sem terrores, sem espectros, sem ameaças de fuzilamento, de candieiro, de coleras populares, de represalias, de vindictas no dia tremendo da revolução, o que ainda mettia medo a muita gente. E será um tripudiar de crapulas e d'infamias nunca visto.

Sim, um tripudiar de crapulas e d'infamias nunca visto!

Calem-se com essa patacoada do *povo heroico*, da *redempção da patria*, de tantos palavrões sem verdade e sem sentido. E confessem que nunca se viu na historia este espectaculo immundo de *toda a gente* adherir, d'um dia para o outro, a um novo regimen.

Confessem que isto é o ultimo dos impudores, a ultima das indecencias.

Confessem que um povo assim não está redimido, mas perdido.

Confessem que esse facto é a demonstração mais completa da nossa absoluta falta de caracter.

O povo portuguez não tem caracter. Está até á medulla, corrompido.

Esta é a verdade, que não podem deixar de reconhecer os mais fanaticos republicanos, se o fanatismo não lhes offuscou, de todo, o juizo.

Os republicanos honestos e intelligentes já hão de ver a esta hora quanto era verdadeira a nossa affirmação quando lhes diziamos: «Não se faz nada d'um povo sem cultura e sem caracter. Ou nós conseguimos melhorar o caracter d'este povo, ou nós conseguimos cultivar-lhe a intelligencia, ou a republica será o trasbordar da anarchia e a consagração final do banditismo.»

Vãos esforços, os dos poucos, pouquissimos republicanos sinceros, que ingenuamente esperavam da republica a salvação d'esta terra desditosa!

Não ha tempo para melhorar, antes da gangrena lhe chegar ao coração, o caracter d'este povo infeliz. Não ha meios de lhe cultivar o espirito. O banditismo tudo suffocará, tudo absorverá. E quando suppozerem uma patria redimida, terão, apenas... uma patria sem vida.

Assim nos enganassemos, e a republica podesse ser prospera e feliz!

A nossa attitude

O que para ahi vae! O que para ahi vae! O que para ahi se diz!

Que escrevemos ao senhor governador civil a pedir-lhe *protecção e auxilio*. Ora nós não escrevemos ao senhor governador civil a pedir-lhe *coisa nenhuma*. E prova-lo-hemos, se chegar ao nosso conhecimento que se continua a insistir na affirmação calumniosa e estulta.

Não é nosso costume pedir *protecção* a ninguem, nem dobrar a nenhum jugo a cerviz.

Que fugimos d'Aveiro! Que estamos em Aveiro mas que não dormimos em casa! Que temos a casa cercada! Que fomos preso! Que vamos ser preso! O diabo a quatro.

Mas preso porque? Não se imagina como temos sido instigado a fugir para escapar á ferocidade dos homens do governo, em especial, e á dos redemptores, em geral.

Não, meninos, não! Hão de aguentar com a responsabilidade do crime, se o commetterem.

Não, meninos, não! Já deviam ter percebido, ha muito, que de terror não morremos. Digam o que disserem: de terror, não morremos. Podemos morrer de tudo e d'alguma coisa, certamente, viremos a morrer. Mas de terror, não morreremos.

A nossa attitude, já o dissemos, é de absoluta intransigencia. **Não adherimos**, podem ter a certeza. Tudo adhere. Tudo! Pois nós *não adherimos*, podem ter a certeza. Quanto maior é o numero das adhesões, quanto maior é a bandalheira, quanto maior é a infamia, quanto maior é a vergonha, mais vontade nós temos de gritar: **não adherimos, não adherimos, não adherimos!**

Não! Não adherimos! Nem adheriremos!

Nós seremos o que temos sido até aqui: inimigo implacavel, encarniçado, eterno, de todas as quadrilhas e de todos os bandidos politicos que teem explorado este desgraçado paiz. Vem-nos d'ahi a morte? Pois que venha. Assim como assim, só morreremos uma vez!

Nós fomos o fundador do partido republicano em Aveiro. Foi nossa a iniciativa, nossa a organisação, nosso o trabalho, nosso o esforço, tudo. Com a nossa energia e á custa da nossa tranquillidade o sustentámos muito tempo. Foi o nosso braço que, aqui, n'esta terra, sustentou as mais formidaveis batalhas em prol da liberdade, em geral, e dos progressos locaes, em especial. Nunca ninguem nos viu receber, em troca, um emprego, uma conezia, um ceitil. Nunca ninguem nos viu desmentir, na pratica, as nossas opiniões religiosas e politicas. Nunca!

Nunca ninguem nos viu viver á custa alheia. Nunca!

A turbamulta desenfreada vem-nos agora assaltar a casa? Pois é illogica, se não vier! Porque não ha de vir?

Porque não ha de vir, agora que a republica tem a adhesão de todos os partidos, grupos, grupelhos e bandidos monarchicos?

Porque não ha de vir? Venha, que é illogica, se não vier!

Nós prestámos á causa republicana, fóra de Aveiro, assignalados serviços. Emquanto a grande maioria dos republicanos conspiravam e faziam encarniçada propaganda republicana com o favor da monarchia, nós fomos incessantemente perseguido. Emquanto nós andavamos de terra em terra, viamos em rendosas commissões, em Lisboa, e nas sédes das divisões militares, varios officiaes que tinham conspirado comnosco. Nós eramos preso, nós eramos, depois, transferido de regimento, nós perdiamos 89 legares na escala militar, emquanto outros gosavam, folgavam e riam. Alguns d'esses que nós vemos agora resurgir, como *velhos republicanos*, **heroes da republica!** Nós no duro labor do regimento, e fazendo serviços a mais d'aquelles que nos impunha o regulamento, e elles, os *velhos republicanos*, os **heroes da republica**, a usufruirem, e alguns em logares de confiança, rendosas commissões da monarchia. A quem atraiçoavam elles, os bandidos, a republica, ou a monarchia? A quem serviam, os *bifrontes*, Deus ou o diabo? Os **velhos republicanos**, os **heroes da republica e da democracia!**

Pois não é justo que sejamos preso? E *fuzilado?* E queimado? Para, depois, nos lançarem, ainda por cima, as cinzas ao vento?

Os mesmos, os pouquissimos que soffreram com a republica, teem agora a compensação, e larga, e farta, e riquissima. Pois não é justo que quem perdeu tudo com a monarchia e nada quer da republica seja *preso, fuzilado, queimado, com as cinzas deitadas ao vento?*

Agora, que as adhesões chovem, que as orgias de Babylonia vão começar, delirantes, para todos?

A *Nova Corneta do Diabo* incita, dia a dia, o governo a prender os jornalistas que teem a ousadia de *falar para protestar*. Porque não segue o governo, quanto a nós, as incitações da *Nova Corneta do Diabo?*

O governo está senhor dos archivos. Está senhor de tudo. E'-lhe facilimo encontrar as provas de que recebiamos dinheiro do Paço Real, do Paço dos Navegantes, dos jesuitas ou do governo civil. Porque não procede contra nós?

Cumpra essa obra de justiça! Vamos, proceda! Prove que estivemos associado a quem quer que fosse n'este paiz! Que a nossa obra jornalistica não foi sempre uma obra isolada, da nossa unica responsabilidade e iniciativa, independente de tudo e de todos, altiva, honesta, digna!

Vamos! Cevando os odios do prostituto, faça a vontade ao Margarido!

Nenhuma revolução, diz a *Nova Corneta do Diabo*, deu aos adversarios o direito de falarem livremente. Porque nenhuma revolução foi esmagada, jámais, como esta, sob o peso das adhesões *honestas* dos inimigos do regimen!

Que perigo corre a republica em Portugal? Quem préga contra ella conjurações? Que receia ella, que tem ella a recear, se a monarchia se dissolveu *n'um dia?* Agora só resta a obra de vingança pessoal dos dictadores. E' essa que se pretende executar? Execute-se. Vamos! A vingança pessoal dos dictadores e a vingança pessoal dos *Margaridos!*

Sem perigos para a republica, sem ameaças contra a sua existencia, sem, ao menos, um decreto dictatorial que o justifique, aconselha-se insistentemente um attentado contra a liberdade de imprensa, uma das liberdades fundamentaes da democracia. Cumpra-se, e quanto antes. Cumpra-se! Para honra e lustre da *joven democracia*.

A monarchia estabelecia a censura previa, arrestava jornaes, mas, por simples delicto de liberdade d'imprensa, nunca, sem processo e sem julgamento, prendeu jornalistas. João Franco tomou medidas excepcionaes contra a imprensa, mas, primeiramente, publicou um decreto determinando e regulando essas medidas de excepção. Só faltava vir a revolução para que esses miseraveis que se dizem jornalistas aconselhassem a republica a prender, sem mais forma de processo, e só por supposto abuso de liberdade d'imprensa, e *sem nenhum perigo de conspiração ou de perturbação da ordem publica*, os jornalistas que se recusam a ir na enxurrada das adhesões e das homilias. Sem prevenções, sem justificação em qualquer decreto d'excepção, sem preambulos, emfim, sem nenhuma forma de processo. Brutalmente, abruptamente, porque assim agrada aos dictadores. Isto é espantoso! Ainda se não fez. Mas é espantoso que haja miseraveis que insistentemente o aconselhem em nome da republica!

Não estão contentes, os miseraveis, com essa prova dolorosa da aviltação do caracter nacional que representam as adhesões. Tudo adhere, tudo, ignobilmente, abjectamente, porcamente, n'uma demonstração flagrante de que morreu, decididamente, o pouco que restava, ou poderia restar, do caracter portuguez. Não estão contentes! Offende-os, ainda, incommoda-os, perturba-os, irrita-os, uma voz vibrante de protesto!

Pois bem. Essa, ou a afogam violentamente, ou subsistirá sempre.

Sempre! De nada valem ameaças. Nada podem, sobre nós, os terrores.

Somos republicano. Já o eramos antes de o serem todos esses *Margaridos*. Por isso, porque já se correu o perigo da revolução e da aventura, porque a questão d'ordem publica foi para nós, constantemente, a questão primacial na triste situação da sociedade portugueza, porque, se a republica não salvar, como não salva, esta patria infeliz, tambem a não salva a monarchia, não desejamos, não queremos, não trabalharemos por isso, não pediremos a queda da republica. Mas approximarmo-nos d'ella, mas ajoelhar-lhe aos pés na procissão dos adherentes, mas pedir-lhe ou acceitar-lhe seja o que fôr, mas calar-lhe, com medo, os erros, ou os crimes, nunca.

Nunca!

Nós seremos, contra monarchicos e republicanos, contra *christãos velhos* e *christãos novos*, e hoje mais do que nunca, a mesma voz violenta de protesto. Contra todos os hypocritas, contra todos os charlatães, todos os quadrilheiros, todos os bandidos. Todos, velhos e novos, adherentes e adheridos. Para salvar isto? Não. Para accordar ainda virtudes no caracter portuguez, tão vilmente, tão abjectamente, tão profundamente e porcamente prostituido? Não. Por decôro proprio. Por sentimento de revolta e nojo. Porque tendo conservado as mãos limpas até este momento, porque tendo tido uma vida de abnegação, soffrimento, sacrificio, sentimos atear-se-nos em labaredas d'indignação a consciencia só á ideia de podermos pactuar, por um instante, um só instante, com bandidos.

Jamais! Jamais!
Nunca! Nunca!
Succeda o que succeder!
Antes morrer de fome.
Antes dar um tiro na cabeça.

Expediente

O SUPPLEMENTO DO POVO DE AVEIRO, distribuido gratuitamente aos nossos assignantes, que deveria sahir hoje, só sahe no proximo domingo.

E' distribuido duas vezes por mez, como se sabe. No primeiro e terceiro domingos de cada mez. Mas como este mez tem cinco domingos, distribuindo-o no proximo domingo, não faltamos á obrigação tomada dos dois em cada mez, com um domingo de intervallo, como de costume.

Para os nossos assignantes é a mesma coisa e para nós foi conveniente a alteração, limitada a este mez.

Difficuldades

Os republicanos cantam glorias, entoam hymnos, mas achamos que ainda é cedo para tanta cantata. Ainda é cedo!

Assim, zombam já dos que ameaçavam com o espectro da intervenção extrangeira. Ora, pela nossa parte, em cem artigos do *Povo de Aveiro* affirmámos que a *intervenção armada* era um absurdo, a não ser, o que não era nada provavel, que a revolução degenerasse em guerra civil. Fóra d'isso, nem a Hespanha mandaria aqui um exercito, nem a Inglaterra uma esquadra para impôr a monarchia. Isso era absurdo. Mas o perigo das *cascas de laranja* ainda não está passado, e com esse é que os partidarios do regimen não contam, ao que parece. Pois fazem mal!

As delicadezas, os sorrisos da diplomacia são tão enganadores como os sorrisos das mulheres. Debaixo d'elles occulta-se, muitas vezes, a maior perfidia.

Nem a Hespanha nem a Allemanha hão de ver com bons olhos a proclamação da republica portugueza. Sobretudo a Hespanha. A respeito d'esta não haverá, suppomos, duas opiniões. Ora a Hespanha não deixará, pelo facto de não poder enviar um exercito a Portugal de conspirar intensamente. E a Hespanha tem força!

A republica em Portugal é uma ameaça permanente para a monarchia em Hespanha. A monarchia hespanhola ha de se defender!

A Hespanha está envolvida no accordo anglo-francez. Até onde chega a influencia da Hespanha sobre a Inglaterra? Não esquecer, jámais, o egoismo inglez!

E será indifferente, para a Inglaterra, a existencia de monarchia ou republica em Hespanha? Não nos parece!

Proclamada a republica em Hespanha, segue-se, fatalmente, ou a federação peninsular, ou, pelo menos, uma alliança, ou um accordo muito intimo, se quizerem, entre Portugal e a Hespanha. Ora essa alliança ou accordo intimo entre Portugal e Hespanha é, para a Inglaterra, uma fraquesa na alliança portugueza.

Portugal, sósinho, vale pouco. A Hespanha, sósinha, não vale muito. Mas as duas, unidas, já são alguma coisa. Já podem, senão dictar, *traçar* condições. Principalmente collocadas visá-vis da rivalidade anglo-allemã. E a Inglaterra não terá, como até aqui, um apoio certo, seguro, absoluto, n'este canto da Peninsula e nas colonias portuguezas.

Alem d'isso, a Inglaterra não pode esquecer o velho odio jacobino contra ella. Foi o auctor d'estas linhas o primeiro que, d'entre os republicanos, defendeu a alliança ingleza. Fomos nós, mesmo, já o temos dicto, que levámos a reconsideração ao animo dos republicanos, fazendo-lhes ver a inconveniencia das suas campanhas contra a alliança ingleza. Ensinámo-los a fazer politica internacional como os ensinámos a fazer revoluções. Quem folhear a collecção do *Povo de Aveiro* encontrará successivos artigos nos quaes diziamos aos republicanos que a maneira de tornar viavel um movimento revolucionario era... a que elles pozeram em pratica ultimamente.

Fomos, pois, nós, quem primeiro combateu a guerra á Inglaterra. Mas os republicanos, reconhecendo o seu erro, não fizeram, no fundo, senão *encolher as garras*. O velho espirito jacobino subsiste. Esse espirito é hostil á Inglaterra. E assim que se poder traduzir em factos, não se faz esperar, nem rogar. Não saberá isto a Inglaterra? Deve saber.

Ora, se o sabe, ella vê muito bem o perigo, para a sua politica internacional, da proclamação da republica em Hespanha. A Inglaterra, cuja *entente* com a França se pode desfazer d'um momento para o outro, não fica com verdadeira força, dada essa hypothese, nem na Hespanha, nem em Portugal. Naturalmente, ha de querer as duas nações divididas. E se as quer divididas, a conspiração da monarchia hespanhola contra a republica portugueza não será vista por ella com muito desagrado.

Emfim, tudo isto será tolice. Mas que a monarchia hespanhola ha de conspirar, é evidente. E que os olhos da Hespanha conservadora e militarista se hão de voltar, cubiçosos, para esta parte da Peninsula, tambem não offerece a menor duvida.

Por outro lado, a Allemanha não desiste de alargar o seu dominio colonial á custa do nosso territorio ultramarino. E como ella se impõe, quando quer, demonstra-o o caso de Marrocos muito bem. Pequenos eram os seus interesses no imperio marroquino. Nullos, até, não ha muitos annos ainda. Mas um dia saltou lá para gritar: *cá estou*, e as potencias inte-

ressadas, as que de velha data davam cartas em Marrocos, e que se julgavam com direito exclusivo áquillo, foram obrigadas *a ouvi-la*.

Além das suas cobiças sobre algumas das nossas colonias, tem ainda a Allemanha, no seu plano de hegemonia europeia, que prosegue tenazmente, a conquista e posse d'um porto do Atlantico como um dos seus mais activos e mais ardentes desejos.

Não é tudo ainda. As nossas difficuldades financeiras são conhecidas de todo o mundo. Temos credores externos, entre os quaes, precisamente, está a Allemanha. Já no domingo aqui perguntámos e hoje repetimos a pergunta: onde vae o thesouro republicano buscar dinheiro para crear um exercito, para crear uma marinha, para crear a instrucção primaria e desenvolver a instrucção profissional, secundaria e superior, para o impulso de que tanto necessita o fomento, emfim, para necessidades *urgentes* de toda a natureza?

Diz-se que o sr. José Relvas, novo ministro da fazenda, sabe muito de *questões economicas*. Mas a grande questão de momento não é a questão economica, é a questão financeira. Nós precisamos de acudir a *necessidades urgentes* e de fechar sem deficit o orçamento. Esta é a questão *dia a dia*. A questão de momento. A outra é *para philosophias* e para, *d'aqui a dez annos*, nos dar... rendimento. Muito importante, sem duvida. Mas muito boa, tambem, para... philosophias de momento.

Agora, a questão d'occasião, a questão *para já*, é a questão financeira. E para resolver a questão financeira é preciso muito tacto, muita honestidade, muita economia e muita energia. Ora nem o sr. José Relvas tem essas qualidades nem ninguem no partido republicano. E se alguem as tivera... seria o mesmo que não as ter. De facto, quem póde dominar a voracidade dos tubarões republicanos? E a dos tubarões monarchicos, que surgem agora aos cardumes, multiplicando por cem mil os tubarões republicanos?

A energia d'um homem, de dois, d'um cento, energia, tacto, honestidade, economia, são, perante a voracidade d'esses tubarões, absolutamente impotentes.

Absolutamente impotentes! E' impossivel resistir a essa onda devoradora que impelle os quadrilheiros d'officio. Portanto, a situação do thesouro aggravar-se-ha de dia para dia e n'esse terreno póde-nos ser funestissima a má vontade de qualquer nação credora.

Por qualquer lado, a situação internacional apparece cheia de nuvens. Imbecis, como sempre, pois hão de se-lo sempre, os republicanos, porque não se deu a immediata intervenção armada do extrangeiro,—que só os especuladores ou os parvos podiam dar como certa, quando ella era de todo em todo improvavel,—porque os jornaes extrangeiros lhes dizem: *governem bem e serão felizes*, já vêem tudo *côr de rosa* e entoam hymnos *á sua gloria*. Pois ainda é cedo.

Ainda é cedo, ainda é cedo! Só o futuro dirá quem teve razão, se aquelles que *esperavam tudo da republica*, se aquelles que nunca confiaram na republica para salvar a patria n'este instante, proclamando que a republica daria os mesmos resultados, senão peiores, que tem dado a monarchia.

Nas relações externas temos já, *a mais*, a conspiração da Hespanha, que é certa, e a má vontade da Allemanha. E o resto depende... exactamente do impossivel: do bom governo do paiz!

E' claro que se nós nos governassemos bem, não haveria difficuldades que não vencessemos. Mas como isso *é impossivel*, aguardemos o futuro, e elle dará, então, *immarcescíveis*, as coroas de loiro a quem de direito pertencerem.

Esperemos, esperemos, que ainda é cedo. Não é sobre oito dias de governo que se escreve a historia... gloriosa da republica!

Aquillo vae ficando completo!

Adheriram o Ribeira Brava, o Motta Veiga e o Centeno.

Muito bem, muito bem! A coisa vae ficando completa!

O que tem graça é que o Margarido bate palmas aos amigos e descompõe os do grupo contrario.

Já se fala em dois partidos: o partido do Affonso Costa e o partido do Camacho.

Dissidentes e regeneradores vão para o partido do Affonso Costa. Progressistas, nacionalistas e franquistas vão para o partido do Camacho.

Ora em sendo dissidente ou regenerador o Margarido ou bate palmas, ou cala-se. Mas em sendo progressista, franquista ou nacionalista, Margarido dá rija pateada. Embora se diga que o Camacho não está resolvido a acceitar tudo quanto lhe fôr bater á porta.

Que choldra! Que choldra!

E assim se perdeu Bayard!

O orgão da prostituição nacional annunciou ao mundo, commovido, que o grande Borracho não acudiu a Lisboa porque, tendo ido a Torres Novas em 29 de setembro, ficou sem meios de transporte para regressar.

Oh, desgraçado, que o D. Quichote percorreu cem leguas no rossinante! Desgraçado! Abaixo do rossinante, perdão, do D. Quichote!

Então nem um carro, uma cavalgadura, seis cavalgaduras até Santarem, e um barco, de Santarem a Lisboa!

Ah, desgraçado, abaixo do rossinante, perdão, do D. Quichote!

Desgraçado! Desgraçado! E assim se perdeu Bayard! E assim se foi um heroe por agua abaixo!

E agora a proposito de heroes: os senhores podem-nos dizer quantos dos gloriosos chefes redemptores ficaram estendidos nas calçadas?

Que diabo! Tantos homens do povo feridos e, áparte a queda do Camacho do automovel, nem uma arranhadura em tantos chefes gloriosos!

Elles, que juraram morrer nas barricadas!

E' caso.

Um grande bandido!

No *Diario de Noticias*, do dia 8 do corrente, encontrámos isto:

Porque n'elles se conteem interessantes subsidios para a historia do mallogrado movimento de "28 de Janeiro„, e dos acontecimentos politicos que desde então se produziram, transcrevemos do artigo editorial do nosso collega o "Dia„ de hontem, sentindo não poder reproduzil-o integralmente, os seguintes trechos:

. . . . . .

Extincto o partido dissidente, o seu chefe resolveu adherir ao novo regimen como o fizeram todos aquelles que entraram mais ou menos intensamente no movimento revolucionario de "28 de Janeiro„: o dr. João Pinto dos Santos, Centeno, visconde de Pedralva, dr. Cassiano das Neves, dr. Amor de Mello.

Não estão em Lisboa o dr. Egas Moniz, que é um espirito avançadissimo, nem o visconde do Ameal, que tanto trabalhou n'aquelle movimento; cremos que ambos adherirão.

. . . . . .

O chefe dissidente, e outros seus correligionarios — não a dissidencia progressista, como partido — resolveram então collaborar com os republicanos no intuito de anniquilar o regimen dictatorial que assoberbava o paiz. Vinha a Republica? Tudo era preferivel, tudo, "fosse o que fosse„, á continuação d'esse estado de coisas que era um opprobrio nacional. O chefe dissidente encontrou-se então em repetidas conferencias, algumas celebradas em casa do visconde da Ribeira Brava, com varios chefes republicanos, entre elles os srs. drs. Antonio José d'Almeida, Affonso Costa, etc.; teve varias entrevistas com altos militares graduados, taes como o sr. Barreto, actual ministro da guerra, almirante Candido dos Reis, capitão Sá Cardoso e outros.

E, nas vesperas de rebentar o movimento revolucionario, realisou-se uma conferencia em casa do sr. visconde da Ribeira Brava, onde se definiu a situação: o chefe dissidente, que dera ao movimento revolucionario seu irmão Amancio, tenente-coronel de artilharia, e seu filho Bernardo d'Alpoim, tenente da armada, accentuou a sua posição: — trabalhava contra a dictadura, dava para essa lucta seres queridos, offereceu-se para ir occupar o posto mais perigoso e difficil do combate, e não pedia á Republica, se vencesse, a mais pequena situação politica ou o menor galardão.

O que elle queria era o triumpho das idéas liberaes. Para isso, apesar de ver seu filho correr para a morte ou para o exilio, sendo pobre, não hesitou um momento; e, preso o dr. Antonio José de Almeida, não recuaram os dissidentes na compra de armamento para o movimento revolucionario, sendo entregue uma quantia relativamente importante. Esses dissidentes foram os srs. João Pinto, Centeno, Egas Moniz, visconde do Ameal e Alpoim. Não possuia o chefe dissidente a somma com que contribuiu e que lhe foi emprestada pelo sr. dr. João Pinto, a quem só agora a poude acabar de pagar.

São coisas intimas, mas que, n'este momento, consola de contar! Exhala-se d'ellas, para a nossa propria alma, alguma coisa de enternecido e saudoso! Houve horas horriveis, especialmente para o chefe dissidente: foram aquellas em que, mettido n'um estreito cubiculo no "elevador„, em companhia de outros dissidentes e de um antigo regenerador, que era anti-franquista apaixonado, aguardavam o "signal„, para assaltar a casa da camara municipal — ao mesmo tempo que officiaes da marinha deviam dar o assalto ao "D. Carlos„ e ao quartel de marinheiros, debaixo das ordens do mallogrado Carlos Candido dos Reis. Imagine-se o que seriam essas horas pavorosas, e a parte da noite que passaram em casa do tenente Furtado, contigua ao elevador.

Foi ella pavorosa para todos, mas da mais pungente dôr para o chefe dissidente, que a todos os instantes aguardava o "signal„ que podia ser, não a sua morte, mas a de seu filho.

O dever, porem, mandava estar alli; e só se separaram quando, presos n'aquella noite Egas Moniz e Ribeira Brava, e já desde muitos dias nas cadeias os srs. João Chagas e Antonio José d'Almeida — que foram com o sr. dr. Affonso Costa as almas do movimento revolucionario — era impossivel resistir.

A noite da revolta, e a anterior em que o chefe dissidente se encontrou em casa do sr. dr. Bernardino Machado com chefes militares, o sr. conselheiro Cunha, dr. João José de Freitas, que então se achava em Lisboa, essa noite, da vespera do movimento, passada pelo chefe dissidente entre a casa do sr. Egas Moniz, doente de cama, e a casa do sr. Bernardino Machado, são das que fazem envelhecer — comquanto, ao mesmo tempo, lembrem com saudade!

* * *

Gorou-se o movimento: e o chefe dissidente foi para Hespanha. Regressou: e, por ser chefe da dissidencia a qual, como collectividade, não entrára no movimento, foi ao Paço depois de informado que el-rei e sua mãe haviam desejado vê-lo e extranhado a sua ausencia. Disse a verdade ao rei e á rainha: não escondeu absolutamente nada: apenas calou nomes! Não occultou o que fizera: não omittiu nenhum dos seus intuitos revolucionarios: mas não disse uma só palavra a respeito dos officiaes que elle sabia republicanos, e alguns dos quaes, dos mais elevados, ali encontrou, no Paço, porque a isso os forçavam as suas funcções. O chefe dissidente não fez nunca parte dos "comités„ revolucionarios: levou o seu escrupulo a ponto de não perguntar a seu filho, o qual aliás lh'o não diria por modo algum, o nome dos officiaes de que este fôra informado em conferencia com varios revolucionarios: mas tinha conhecimento de muitos officiaes e de coisas importantissimas. Guardou, como lh'o mandava a honra, o mais absoluto silencio.

Se fosse um infame, poderia comprometter pessoas e desvelar segredos, nem uma palavra, "nunca„! E, ao rei e á rainha, affirmou que não se arrependia do passado, que repetiria em egualdade de circumstancias tudo quanto fizera — e que só podiam contar com elle, desde o momento que a monarchia fosse amplamente tolerante, generosa, esquecesse o passado, não pensasse em odios e vinganças. Muitas vezes escreveu ao rei n'este sentido: e de Marselha, quando foi expulso do poder o sr. dr. Medeiros, dirigiu-lhe uma longa carta, em que lhe mostrava as consequencias de a monarchia se não identificar com as aspirações politicas e sociaes modernas. Tudo quanto acontece agora, parece que foi advinhado n'essa, e n'outras cartas!...

Quer-se justificar, o miseravel!

Mas diga-nos: quando era o senhor um grande bandido, quando viesse a atraiçoar os monarchicos ou quando viesse a atraiçoar os republicanos?

O senhor teria de atraiçoar um dos dois. Fatalmente!

O senhor tinha conhecimento de *muitos officiaes*. Se o senhor fosse governo, como pretendia, o que fazia a esses officiaes? Elles eram, manifestamente, republicanos. Elles adheriam, manifestamente, de novo, a outro movimento revolucionario. O senhor, como presidente do conselho, collocava-os em situação de não poderem prejudicar a monarchia? N'esse caso atraiçoava os republicanos, valendo-se dos segredos que elles lhe tinham confiado, ou que, pela força das circumstancias, lhe tinham deixado perceber n'um momento de confraternidade revolucionaria.

O senhor deixava-os nos postos de confiança e de perigo para as instituições? Então, atraiçoava a monarchia.

Bandido! Bandido!

O senhor tinha conhecimento de *coisas importantissimas*. Gaba-se de que tinha conhecimento de *coisas importantissimas*. Evidentemente, essas *coisas importantissimas* eram de caracter revolucionario. O que lhe fazia, se fosse presidente do conselho, como tanto desejava?

Denunciava-as, ou aproveitava-se d'esse conhecimento para defender a monarchia? Era traidor! Não se aproveitava d'esse conhecimento para defender a monarchia, cujos destinos o rei havia depositado nas suas mãos? Traidor! Sempre traidor! Ou traidor á republica ou traidor á monarchia.

Bandido!

Ou havia de atraiçoar a republica, ou havia de atraiçoar a monarchia.

Bandido!

E não queria nada, o miseravel! Apregoa a sua abnegação, este miseravel, que é mais um dos que se propõem... *redimir a patria perdida!*

Jogava, precisamente, com um pau de dois bicos. Não largava a monarchia, porque a monarchia, até cahir, podia-lhe render honras e dinheiro. E não largava a republica, porque queria ter direitos adquiridos, vencendo a republica, a honras e dinheiro!

O bifronte, o traidor, o villão, o canalha, um dos redemptores... da patria deshonrada e oppimida!

Que atroz zombaria! Que ultrajante escarneo!

Que, se fosse um infame, poderia comprometter pessoas e desvelar segredos. Pois o que é, senão um infame?

Se não fosse um infame, só dois caminhos tinha a seguir: ou declarar-se republicano depois do dia 1 de fevereiro, ou retirar-se da politica até á decisão final da contenda que andava travada.

Pois o que é, senão um infame?

Tão infame, que sabendo perfeitamente, pelo seu conhecimento de pessoas, de viver intimo, de habitos, de temperamentos, de processos, e ainda pela sua continua e escandalosa connivencia com os revolucionarios, que era sob o consulado Teixeira de Sousa que estes redobravam de esforços, não hesitava em aconselhar Teixeira de Sousa a abdicar inteiramente nas mãos dos republicanos.

Desenganemo-nos: ama-se a traição, mas aborrece-se o traidor. Os primeiros que devem ter nojo do bandido hão de ser os proprios republicanos.

Grande miseravel!

Grande bandido!

Ahi é que bate o ponto!

Um socialista escreve no artigo editorial do ultimo numero do importante jornal francez *La Dépêche*, que nos chega ás mãos:

Pour mieux accabler la démocratie portugaise sous le poids de ses devoirs, un journal conservateur berlinois, la "Taegliche Rundschau„, pastichant la célèbre formule de Montesquieu, fait l'éloge du gouvernement républicain, pour lequel il "faut avant tout un peuple possédant à un haut degré la discipline et la culture.„

Il appartient au Portugal de prouver qu'il ne manque pas de ces qualités autant que le pretendent les feuilles du pangermanisme qui se complaisent à montrer les peuples latins en pleine dégénérescence et à les vouer à la dissolution finale, c'est-à-dire à la conquête germanique.

Mas o jornal allemão diz muito bem. E o socialista francez confirma, quando commenta: *Pertence a Portugal provar que lhe não faltam tanto essas qualidades quanto o pretendem as folhas do pangermanismo.*

Tanto quanto! Quer dizer, o jornal francez concorda, afinal, com o allemão, em que o governo republicano só é possivel *quando um povo possue em alto grau a disciplina e a cultura.*

Ahi é que bate o ponto!

Isso estamos nós farto de dizer, mais não somos Montesquieu nem sabiamos, até este momento, o que Montesquieu havia dicto a tal respeito.

O socialista francez, querendo, aliás, defender Portugal e a republica portugueza, continua:

Il est incontestable que la démocratie n'est possible chez un peuple que lorsqu'il est capable de se conduire lui-même.

E, mais adeante:

Bien plus que la monarchie ou l'aristocratie, la démocratie exige donc, pour se maintenir sans péril, un constant effort de vertu.

Para se manter sem perigo!

Não ponha mais na carta, meu caro senhor. Disse tudo.

A nossa cultura avalia-se facilmente dizendo que setenta por cento, para tornarmos a hypothese favoravel, da população portugueza são *absolutamente incultos*. Dos restantes trinta por cento, vinte e cinco só teem a cultura que lhes dá o *Seculo*, o *Mundo*, e o *Diario de Noticias*. Dos cinco que faltam, tres teem a mais a cultura do romance. E dos dois ultimos, 1,5 leem coisas varias sem terem consiencia de nenhuma e 0,5 são realmente... cultos.

Ora ahi está... em relação a cultura.

Em relação a disciplina, basta dizer-se que foi a *indisciplina*, e a mais profunda *indisciplina*, que originou a republica.

A indisciplina militar e a indisciplina civil. Nem podia haver indisciplina militar onde houvessse disciplina civil.

Diga lá o socialista francez: como é que um povo n'estas condições se ha de *guiar a si mesmo?*

Il est incontestable que la démocratie n'est possible chez un peuple que lorsqu'il est capable de se conduire lui-même.

Traduzindo:

E' incontestavel que a democracia só é possivel n'um povo quando elle é capaz de se dirigir a si proprio.

Mas um povo que tem setenta por cento d'analphabetos, cortando por baixo, e vinte e cinco por cento de creaturas que sabem soletrar, umas, e as outras ler mal quasi todas, especie de burros falantes, é, incontestavelmente, um povo que se não sabe dirigir. E', incontestavelmente, um povo abdicando nas oligarchias formadas entre os cinco por cento dos mais cultos.

Apesar de todas as cantatas do Brito Camacho na *Lucta*, assim é que é, amigo socialista.

A historia não a escreve o Brito Camacho, nem ninguem, em oito dias. A historia ha de se escrever a *seu tempo*. E então ella dirá se a logica é uma cabaça ou a resultante d'uma serie bem fundada de raciocinios e de factos.

Bien plus que la monarchie ou l'aristocratie, la démocratie exige donc, pour se maintenir sans péril, un constant effort de vertu.

Traduzindo:

Muito mais que a monarchia ou a aristocracia, a democracia exige pois, **para se manter sem perigo,** *um constante esforço de virtude.*

Ora o **esforço de virtude** *dos christãos velhos* está patente na larga chronica que tem feito o *Povo de Aveiro*. E o esforço de virtude dos *christãos novos* está na obra admiravel... da monarchia.

Cebolorio, para tudo isto!

Sabe o que é, senhor Fourniere? E' o senhor Eugene Fourniere o auctor do artigo. Sabe o que é? O senhor o disse:

La bourgeoisie est la classe éclairée et active, **surtout dans les pays où le prolétariat en est à ses premières tentatives d'organisation.** *C'est donc à elle qu'echoit le pouvoir. Or elle n'est, partout,* **que trop tentée d'employer à son propre profit le pouvoir que lui confie le peuple par elle soulevé contre les forces du passé:** *monarchie, religion, aristocratie. Même dans le pays où ces forces n'existent pas ou, comme la religion, ne sont pas des obstacles au progrès de la démocratie, même aux Etats-Unis on voit les partis s'asservir aux puissances d'argent ou encore se constituer, tel Tamany Hall à New-York, en véritables associations de malfaiteurs pour l'exploitation du public au moyen des fonctions et services publics.*

Ora ahi está, é isso mesmo. Com a simples differença de que esta *burguezia* portugueza é uma burguezia que o senhor nunca viu, nem é capaz d'imaginar, por mais tratos que dê ao juizo.

Não tem comparação nenhuma, nem com essa burguezia dos Estados Unidos, tão ladra por um lado mas tão prodiga pelo outro, nem com essa outra burguezia de trabalho dos paizes onde mal se desenha ainda a organisação do proletariado. E' uma burguezia de burocratas, de bachareis sem miolo e sem emprego, e de... vadios. Vadios das lettras. Mas vadios. Se as outras levantam o povo contra *as forças do passado*, monarchia, religião, aristocracia, para obterem o poder com o fim de o *explorarem em proveito proprio*, esta não o explora, roe-o, sem lhe deixar ponta por onde se lhe pegue.

Roe até aos tutanos. Roe tudo. Chupa tudo. E ainda por cima o *intrujam*, senhor Fourniere, abusando da sua ignorancia do paiz.

Os nossos burguezes politicos, não são como os dos Estados Unidos, *véritables associations de malfaiteurs*. São bandos de feras. Uma especie de ursos e raposas do polo norte. Não nos roubam só a fazenda. Roubam-nos a fazenda, os bens, a vida, e, antes d'expirarmos, ainda nos obrigam a acclama-los como heroes, philantropos, redemptores.

Esta raça de *burguezes* é que o senhor nunca viu.

Com certeza, nunca viu!

Responsabilidades

Como sempre dissemos, a corrente republicana era uma corrente suggestiva, imperiosa, invencivel, do genero d'aquellas que de vez em quando se estabelecem nos povos e ás quaes não é dado resistir. Havia de seguir o seu curso. Havia de andar o seu caminho até ao fim. E o fim era a revolução.

Mas, como tambem dissemos muita vez, Teixeira de Souza não só não demorava como tornava a breve trecho fatal o desenlace. Está na memoria de todos, é de hontem, o que dissemos a tal respeito, fulminando a estupidez da rainha e a famosa imbecilidade do rei.

O papel dos governos já não podia ser outro, n'esse ponto, que adiar a revolução. Mas esse adiamento tinha vantagens, dada a incapacidade absoluta do povo para se dirigir a si proprio, e um governo habil e energico não só a poderia adiar por muito tempo como impor ainda, ao relaxamento geral, alguma disciplina. A decantada bravura portugueza é uma simples bravura de animal irracional. No combate pessoal, na guerra do campo ou das ruas, o portuguez bate-se bem. Como um cão, quando por outro é atacado. Mas a coragem civica, precisamente aquella que caracterisa os homens e os povos superiores, essa falta-lhe por inteiro. Ahi, a covardia é absoluta.

Sendo assim, um governo energico fatalmente daria logar a irresoluções, a retrahimentos, a arrefecimentos, sufficientes, sem falar nas medidas de vigilancia e prevenção que tomaria esse governo, para deter nas alfurjas a onda revolucionaria. Um governo hesitante ou cumplice produziria o effeito contrario: estimulava, incitava, exaltava, dava calor aos mais timidos e animo aos mais fracos.

Isto é uma questão da mais elementar psychologia.

Escrevemo-lo, fartámo-nos de o escrever. Chamámos imbecil cem vezes ao rei e a essa besta do Teixeira de Souza, que tinha a ingenuidade de suppor, se porventura não foi um traidor, que ludibriaria ou acalmaria os republicanos. O grande imbecil! O alarve!

Ora o sr. João Chagas, n'uma entrevista realisada agora com um redactor da *Capital*, dá-nos plena razão, confirmando inteiramente o nosso ponto de vista e as nossas palavras, tantas vezes repetidas.

O sr. Chagas confessa que foi por occasião da subida de Teixeira de Souza que o partido revolucionario retomou a sua actividade, pondo, resolutamente, mãos á obra. Era claro e por isso os republicanos, como tantas vezes aqui notámos, ao mesmo tempo que clamavam que o que lhes convinha era um governo reaccionario, faziam os mais formidaveis esforços por deitar abaixo o ministerio Beirão e por impedir o advento d'um ministerio do bloco. Como conseguiu essa tactica grosseira enganar a rainha, o rei, a cricalhada toda do Paço Real? Imbecis, que só tiveram, afinal, a sorte que mereciam!

Mas ouçâmos o sr. Chagas:

"Subira ao poder o ministerio Teixeira de Sousa e esse facto, *longe de nos provocar pensamentos de tregua*, intensificava-nos a acção revolucionaria, convencidos de que o pseudo-liberalismo do governo regenerador não contrariava antes favorecia essa mesma acção.

"Foi quando, em boa verdade, entrámos a fundo na "materia„. A propaganda do lado do elemento militar tomou aspecto differente, n'uma *poussée* energica e decidida; a Associação Carbonaria Portugueza alargou a esphera da sua intervenção junto dos grupos de revolucionarios civis; o Directorio do partido republicano fez compras avultadas de armamento; emfim, constatámos com satisfação que por toda a parte appareciam elementos de combate em numero sufficiente para dar o golpe certeiro na monarchia„.

Claro, claro. Clarinho como agua. Precisamente o que nós, aqui, tão nitidamente, tão lucidamente e tão insistentemente, diziamos a toda a hora. Lê-nos lá do exilio o sr. D. Manuel? Lê-nos do seu retiro a senhora D. Amelia? Então quem tinha razão? Então quem dizia a verdade? Então quem via e previa os factos com extrema precisão e extrema lucidez?

Porque diziamos nós d'aqui a esse pateta coroado: *Sáia d'essa tripeça e deixe-nos ir para ahi bater com os revolucionarios?* Pateta-mór!

Mas vejamos o que diz mais o sr. Chagas.

O sr. Chagas vae narrando os preparativos da revolta, e affirma que a primeira data fixada para estalar a revolução foi a de 15 de julho.

"Chegado o momento, porém, soube-se com alvoroço que o segredo dos conspiradores fora descoberto e as auctoridades militares iam tomar providencias para impedir que a revolução estalasse. Esse alvoroço traduziu-se n'uma tal ou qual dispersão de elementos que foi necessario agrupar de novo e alentar com decisão para que não falhasse qualquer outra tentativa. Proseguimos na propaganda a mais intensa. Multiplicaram-se as reuniões de officiaes em diversos pontos — na redacção das *Cartas Politicas*, no Arco Bandeira, juntaram-se por vezes vinte e mais representantes da guarnição de Lisboa — fez-se outra compra de armamento e aproveitando-se a energia de um nucleo de militares que desde o começo haviam mantido a mais completa adhesão á Republica, produziu-se um trabalho galopante que fatalmante devia aluir com rapidez as instituições monarchicas.„

Repare-se: a circumstancia de se ter rompido o segredo produziu logo uma *dispersão de elementos* **que foi necessario agrupar de novo e alentar com decisão para que não falhasse qualquer outra tentativa.** Isto sem Teixeira de Souza dar, directamente — suprema traição ou suprema inhabilidade — um passo para, por si, os dispersar.

Repare-se tambem na facilidade *com que elles introduziam armamento em Lisboa!* Foi no consulado de Teixeira de Souza que azafamadamente voltaram a compra-lo. Tão certos estavam de que o metteriam em Lisboa com a maior facilidade!

Quem deu o triumpho aos revolucionarios não foi a habilidade dos republicanos. Foi a traição e a espantosa inhabilidade dos contrarios. As duas coisas reunidas. Não houve só traição. E

não houve só inhabilidade. Houve traição e inhabilidade.

"A primeira quinzena de agosto foi empregada n'essa corrida veloz para a revolução. E tão bem e tão utilmente ou proficuamente se trabalhou, que tornamos a fixar data para o desenrolar do movimento: a noite de 19 para 20 d'esse mez. E fixamol-a, porque, segundo a opinião dos officiaes de marinha que nos acompanhavam, era a noite em que a bordo do *D. Carlos* se dava um concurso de circumstancias absolutamente vantajoso para a revolta. N'essa noite tudo concorreria para que a victoria fosse alcançada sem grandes difficuldades.

"Comtudo, á ultima hora, alguem denunciou o movimento ao chefe do gabinete regenerador. E succedeu o que todos sabem: ordem aos navios de guerra para sahirem a barra, prevenções nos quarteis, a policia vigiando rigorosamente a cidade, etc. O Teixeira de Sousa teve perfeito e minucioso conhecimento do *complot* e informaram-n'o com verdade do caracter que o revestia. Mas, para não desmentir os boatos postos em circulação de que o governo contava n'esse momento com um falso apoio dos republicanos, calou-se e habilmente attribuiu as medidas de rigor que tomara á necessidade de suffocar uma *intentona* reaccionaria. Demais sabia elle quem conspirava contra as instituições..."

E' espantoso! *Demais sabia elle quem conspirava contra as instituições! E' espantoso! O Teixeira de Souza teve* **perfeito e minucioso conhecimento do complot.** E que medidas empregou elle? E' espantoso!

Só resta perguntar: qual foi a maior força que dominou esse bandido: foi a traição ou a imbecilidade?

Que elle atraiçou a monarchia não ha duvida nenhuma. Nenhuma! Elle sabia que se conspirava intensamente. Elle via marchar, *veloz*, a revolução. Elle *sabia tudo*. E elle nomeava administradores do concelho republicanos! E elle punha os governadores civis e todas as auctoridades ás ordens dos republicanos! E elle apresentava uma lista regeneradora por Lisboa, dividindo a votação monarchica, exclusivamente para dar um triumpho completo aos republicanos, o que não era só um facto d'alto valor eleitoral, mas, pelo estimulo, pelo animo, pela incitação, pelo enthusiasmo que ia produzir nos vencedores, d'alto valor revolucionario!

Pode-se attribuir isto a imbecilidade? Não, que nem a um doido era facil enganar-se. Era traição. Manifesta traição. Revoltante traição.

Só resta perguntar: qual foi a maior força que dominou o miseravel: a da traição ou a da imbecilidade?

A INDISCIPLINA

O estado d'indisciplina da sociedade portugueza era enorme. Vae agora terminar?

Ha quem affirme que a republica traz a ordem. Ha quem affirme que a desordem resultava da corrupção estabelecida pela monarchia. Affirmam-no os sabios, os positivistas, os *comtistas*! Theophilo Braga e os seus sequazes!

Ora a indisciplina, alem de ser apanagio d'esta raça semi-africana, tinha origens muito differentes e raizes muito profundas. A indisciplina portugueza existiu com o absolutismo, existiu com o constitucionalismo e ha de existir com a republica. Não era uma resultante politica. Era uma resultante anthropologica e era uma resultante social.

O constitucionalismo, com as suas formulas vans, com a sua moral incomprehensivel para as grandes multidões, não a diminuiu, augmentou-a. A republica, continuando a obra do constitucionalismo, vae fazel-a degenerar em anarchia.

O erro foi sempre legislar para os lettrados, os romanticos, os ideologos, uma minoria de visionarios com dois ou tres espiritos solidos a debaterem-se, baldadamente, pelos principios definidos da sociologia em relação ao territorio e á raça. Estes nunca venceram. Jamais vencerão. Venceu sempre a ignorancia do litterato, a exploração do bacharel e a utopia do romantico.

O constitucionalismo, como a republica, foi sempre para meia duzia. D'ahi a necessaria incompatibilidade, a fatal separação entre povo e dirigentes.

Mousinho, Joaquim Antonio d'Aguiar, Passos, fizeram leis para *a élite*. Para *a élite* está ahi o governo provisorio a desmantelar os restos do velho casarão nacional. Arrancam do coração do povo a ordem e a moral da religião, a ordem e a moral do trabalho, a ordem e a moral do espirito auctoritario. O que fica, se o povo não está em condições intellectuaes, nem em condições moraes, de receber e fazer germinar a ordem e a moral da liberdade?

E' o negativismo. E' a derrocada. E' a esterilidade revolucionaria. Destruir, negar, é facil.

E' um desastre. Um grande desastre. Isto é um paiz de doidos. Se não é, positivamente, um paiz de bestas.

Não foi a monarchia que nos corrompeu, nem nos ha de corromper a republica. O que nos corrompeu, o que nos ha de continuar a corromper, é a nossa velha desorganisação. Desorganisação fatal desde que nos faltou o amor do trabalho e a sciencia de trabalhar. Reparem bem nos termos: *o amor do trabalho e a sciencia de trabalhar*. Povo fidalgo e cheio de preconceitos, não temos amor algum ao trabalho. E povo ignorante, profundamente ignorante, não sabemos trabalhar. Ora eis o mal! E esse mal não se cura, aggrava-se, com mystificações de liberdade.

Aggrava-se! Aggravou-o o constitucionalismo e aggrava-o a republica.

Tudo desappareceu do coração popular. Desappareceu o temor de Deus e do rei. Desappareceu o respeito do pae e do mestre. Aristocracia, religião, familia, tudo se foi por agua abaixo. O que fica? Nas nossas condições moraes e intellectuaes e com os nossos defeitos de raça, o que fica? Fica o cahos.

Eu não estou a dizer isto por despeito. Não me move despeito nenhum. Estou a dize-lo com absoluta sinceridade. Eu estou convencido — e tanto me custou a convencer! — d'um verdadeiro *finis patriae*. E mais me levam a essa convicção os processos de que usaram os republicanos para a proclamação da republica. A republica não foi proclamada por processos burguezes. Foi proclamada por processos anarchistas. A republica não surgiu das classes burguezas. Surgiu das classes proletarias. Ficam-se por aqui, os anarchistas? E' claro que não!

A bomba foi proclamada, exaltada, santificada por todas as formas. E, por fim, á larga empregada. Ora o auctor da bomba — e d'ella tirou privilegio d'invenção — é o anarchista, e o anarchista de facto. O anarchista, em louvor e honra da republica portugueza, põe a bomba de parte?

Os regimentos não foram arrastados, como na revolução burgueza, pelos officiaes. Os revolucionarios mexeram, agitaram, indisciplinaram os soldados. Processo anarchista! Os anarchistas ficam-se por ahi, em honra e louvor da republica portugueza? Não continuam a mexer e a agitar o soldado?

A republica deu força e auctoridade ao anarchista. Mais: justificou o anarchista. Pois quando se lançou essa pedra, estejam certos, ella continua girando, girando, até ferir o *verdadeiro alvo*.

Em cima da desordem já existente, desordem de desorganisação social e desordem de raça, nós vamos ter a desordem filha da asphyxia de todo o espirito d'auctoridade.

Já não havia disciplina nos quarteis. Já não havia disciplina nas officinas e nas fabricas. Já não havia disciplina nas ruas e nos lares. Agora — foram os proprios republicanos que affirmaram que as *idéas não param* e que as sementes germinam uma vez lançadas á terra — vae ser uma anarchia, e uma anarchia pavorosa.

Não a anarchia scientifica, prégada pelos ideologos. Quem déra, que essa tem uma moral correspondente a um grau de cultura e de caracter que é a melhor garantia da ordem! Não essa anarchia scientifica, prégada pelos ideologos. Mas a anarchia desordenada, estupida, selvagem, furiosa.

Muito pouco viverá quem o não vir, na pratica, confirmado!

Vilissimos canalhas!

Lemos no *Primeiro de Janeiro*, de quarta feira:

«O *Dia* publicou na quinta-feira passada um emocionantissimo artigo, d'um forte colorido litterario, ácerca da partida da familia real para o exilio.

Tão notavel elle pareceu ao correspondente especial enviado pelo *Matin* a Lisboa, que o transmittiu pelo telegrapho áquelle importante jornal parisiense.

Vamos tambem transcrevel-o com a devida vênia:

No paço das Necessidades, o rei ouve as nutridas salvas de infantaria e o ribombo dos canhões, ao longe. Que é dos servidores? As paredes sussurram ainda o eco das palavras lisonjeiras dos cortezãos.

Elle conhece-lhe as vozes. Volta-se. Julga vêl-os. Mas nada. Silencio nas vastas salas. Sabugosa, pallido, cofia o bigode grisalho, lembra-se, por certo, das paginas em que descreveu guerras portuguezas, tomadas de castello, e, nas chronicas, a fuga dos reis coroados, em perigo, emquanto os famelicos aulicos se escondem, ou apressam-se a adherir aos vencedores. E' a attracção do sol nascente! Fayal não sorri, feliz, impando de saude, moço, apesar dos cabellos brancos abundantes. A sua forte estructura impõe um pouco de confiança ao rei.

Mas o pavor apossa-se, tyranno, do animo do Bragança. E' D. João VI que a anemia e mais um seculo de degenerescencia refinaram. Cai nas poltronas, sem forças. Levanta-se, passeia, accentua no esgar o prognatismo da face. Vai ao oratorio e reza, quasi a tocar com a fronte no chão.

A' tarde, o cruzador começa a lançar as granadas. O rei foge, mais livido, para a outra extremidade do palacio, para o *atelier* onde D. Carlos pintava e recebia as visitas patuscas.

Quer partir. Quer partir a todo o transe, febril, tremendo, apesar das injuncções de Fayal. Para onde? Seja para onde fôr. O ruido da artilharia e as noticias que do commando geral lhe communicam imprimem á volição da creatura infantil uma grande energia.

Desaba uma das torres, ruida pelas granadas. Ha um ruido formidavel. O rei quer fugir a todo o transe.

Telephonam para uma *garage*, pedindo um automovel.

O automovel é preso no caminho. Augmenta a anciedade. O rei estende-se sobre o divan largo e fofo, a um canto do atelier. Sorri, n'uma parede, sobre a onda verde, o corpo nú d'uma mulher d'olhos verdes, liquidos, obra de D. Carlos.

Telephonam novamente, pedindo o automovel.

E' preciso fugir! Correm pela Tapada das Necessidades, saltam os muros, para o jardim Fransini, recente acquisição de D. Manuel. O rei treme, quasi se lhe vergam as pernas.

O rei pergunta pelos seus validos, pela côrte. Não ha ninguem!

Sabugosa tem palavras de conforto. Fayal volta ao telephone. Waddington espreita, pela janella. E a cada ruido insolito, o rei estremece, soergue-se. Vêm prendel-o, matal-o? E a scena tragica de 1 de fevereiro surge, n'um fundo de sangue no cerebro allucinado.

—Emfim!—annuncia Sabugosa.

Fazem-se os preparativos. N'um automovel do paço, seguem alguns creados.

No da *garage*, vae o rei, embrulhado n'uma manta, na caixa, escondido. Fayal toma o volante.

Reunem-se em Loures, caminham juntos para Mafra, entram no Paço Real.

O rei está mais calmo, alli. Faz prevenir da sua chegada a rainha, que em Cintra, anciosa, espera noticias da fuga.

Quem sabe? Talvez appareçam os monarchicos, os defensores do throno: Vasconcellos Porto, com os seus sicarios, Jacintho Candido, com seus bispos, padres e fradalhões armados, padre Mattos, respirando chispas; José Luciano, salvador com artes varias, telephonará conselhos, apoiado ás muletas.

E a côrte, a côrte? Ha-de vir com as ligas monarchicas, distribuindo bentinhos as burguezinhas snobs e as fidalgas cretinas.

O que fará a tropa, alli? Hostil? Fiel? E a irmandade do Santissimo Sacramento de que elle é irmão?

A noite é de vigilia. O rei succumbiu. Não reage. Já não pensa.

Sabugosa tem um olhar de profunda piedade na face triste e pallida. Fayal passeia, mordiscando o bigode. Fayal admira-se do isolamento. Que é dos amigos, dos fradalhões recamados de veneras, das mãos sempre abertas a pedir?

Chega, de Cascaes, a noticia que Jorge Sabugosa e Jorge Bleck levam, de que o principe real embarcára em Cascaes, no «Amelia», por ordem do governo provisorio, para ir recebel-os á Ericeira. Acompanha o principe real o seu ajudante de campo. O conde da Ponte, que ficára em Cascaes, offerecera-se para ir no *yacht*, quasi sem tripulação.

Então Soveral não manda a esquadra de Gibraltar?

Contam a despedida commovente de D. Affonso, as lagrimas dos pescadores, as lagrimas do principe, com saudades da Patria.

O rei não ouve. O que farão os soldados, em baixo? pergunta. O medo tolhe-lhe os movimentos. Todos teem receio. Sim: o que fará a tropa?

— «Desgraçado do que nasceu n'esta terra» — suspira D. Manuel. São as ultimas palavras que pronuncia em Portugal.

Sáem. O rei chora. O commandante da força tem ordem para protegel-o. Respiram. Partem para a Ericeira. Alli, o povo proclama a Republica.

Chegam as duas rainhas. A rainha D. Maria Pia tem o aspecto indifferente, de quem já nada espera da vida.

A rainha D. Amelia mostra, na face linda que a dôr espiritualisa, nos grandes olhos castanhos, tão doces, uma expressão calma.

O momento é de commoção. As lagrimas borbulham nos olhos de todos. Despedem-se. O aperto de mão do rei é molle, apesar de demorado. Compram o unico alimento que é possivel encontrar na Ericeira—pães. O *yacht* está quasi sem mantimento.»

Isto seria indigno escripto por um republicano exaltado. E seria indigno, porque se ha villania é o insulto dos vencidos e o motejo da desgraça. E' ahi que se conhecem as almas grandes e... as almas baixas!

Seria indigno. Mas, emfim, admittia-se, escripto por um revolucionario. Escripto, porem, por esses biltres, que ainda na vespera eram monarchicos, é de revoltar as proprias pedras das calçadas.

Que canalhas! Que infamissimos canalhas!

E é d'esta escoria que ha de sahir... a redempção da patria!

A republica está perdida. Morre d'indigestão, com a adhesão e a invasão de tantos canalhas. Está perdida. Não dá nada. E, com ella, está perdida a patria. Só um louco pode acalentar, ainda, esperanças illusorias.

N'esse artigo infame pergunta-se por Vasconcellos Porto, Jacintho Candido, José Luciano, padre Mattos. Pergunta que Alpoim repete n'uma *Carta de Lisboa*, no mesmo *Janeiro* que nos serve para transcrever e commentar esta infamia. Sempre cynicos, os canalhas!

Para *elles* praticarem toda a casta d'infamias, para levarem, roubando, explorando, esbanjando, este paiz á ruina, para se entregarem livremente a bacchanaes e licenciosidades sem nome, o rei era... irresponsavel! Ai do rei, se quizesse intervir a favor da decencia, da ordem, da moralidade! O rei, como *rei constitucional*, tinha de se conservar áparte e era... irresponsavel. Mas para defender nas ruas a monarchia, offerecendo o peito ás balas, era ao rei, e não a elles, que competia esse papel.

Grandes miseraveis! Haja consciencia n'esta terra e concorde-se que jámais se viu tantos e tamanhos miseraveis!

O escrevinhador infame, o litteratiço ignobil não pergunta por Teixeira de Souza. Não pergunta pelo famoso *Papa-feijão*, o do cavalheirismo duellista medieval, pelo cavalleiro andante, o magriço, o valente João Pinto dos Santos, ainda na vespera monarchico, pelo Alpoim, ainda no dia anterior aspirante a presidente do conselho. Pergunta pelo Jacintho Candido, pelo Vasconcellos Porto, pelo José Luciano e pelo padre Mattos. Só estes eram monarchicos! O ministro da guerra, o comico pançudo da indecencia Borracho, não tinha obrigação de montar a cavallo e sahir para a rua a manter a honra das funcções a seu cargo. Era o rei! Os covardes, os pulhas, não foram os ministeriaes, não foram elles. Foram os antagonistas e o... rei.

Canalhas! Canalhas! Cem vezes canalhas! E ainda ha charlatães que se atrevem, com estes villões, a falar—em redempção da patria!

OUTRA ADHESÃO

Mas esta gloriosa!

O grande Fuschini adheriu! Adheriu tambem o grande Fuschini! Mas só depois... da republica proclamada!

Elle era collaborador da *Nova Corneta do Diabo*. Collaborador, freguez, amigo. Frequentador assiduo. Lá tomava chá e de lá dizia graças, graças austeras, é claro, á Santolla Cosida e á Margarida das Flores. Mas a respeito de adherir... nada. E' que o sr. D. Manuel ainda o podia chamar!

Mas cahe a republica, e ei-lo logo... adherido, e adherido com foguetes e morteiros de gloria.

Este sim, que é um adherente glorioso!

E' verdade, e o Borracho? Ainda não vimos a adhesão de sua excellencia. Ou dar-se-ha o caso d'elle ter adherido antes de ter adherido, como o pae dos filhos de Zebedeu e não como Bayard?

Como ha de ser difficil escrever a historia circumstanciada *das heroicidades d'estes heroes!*

Roletas

De grande precisão, proprias para grandes Casinos. Ficheiros em osso, marfim ou madre-perola.

Casa Senna—Salão de Jogos
RUA NOVA DO ALMADA, 52—LISBOA

Não ha duvida

Escrevem-nos a dizer-nos que são mais do que tres os officiaes do exercito que pediram a demissão. Não ha duvida. E citariamos os nomes dos que já conhecemos, se não tivessemos receio d'ir melindrar outros com involuntarias omissões.

Ha, porem, um nome que se não deve calar: o do infeliz official de marinha Frederico Pinheiro Chagas, que se suicidou quando viu todos os seus companheiros e subordinados proclamarem a revolta. Excessivo pundonor. Mas sympathico pundonor em todo o caso.

Má idéa!

A *Lucta* transcreve do *Daily Mail* um artigo, em que se lê:

"*Em Berlim circula livremente a idéa de que seria para desejar a partilha d'esse imperio (o nosso imperio colonial) entre a Inglaterra e a Allemanha, e que uma nação tão pequena não tem direito a possuir taes dominios.*

A Grã Bretanha conservar-se-ha indifferente perante os convites de roubar a sua alliada, e aquelles que suggerem e dão curso a taes idéas farão bem em comprehender que o povo inglez está decidido a manter a integridade do Imperio Portuguez, e a evitar qualquer expoliação, franca ou encoberta, da nova Republica Portugueza."

Isso veremos. Veremos, veremos!

Mau foi, muito mau, começar a Allemanha a implicar com o diabo das colonias.

Muito mau!

Tudo prostituido!

O espectaculo da adhesão em massa dos monarchicos, e de todas as outras covardias a que deu origem a proclamação do novo regimen, deve ter impressionado fundamente as poucas almas honestas que ainda restam n'esta patria. E' que nunca se viu um impudor, uma desvergonha, uma indecencia assim.

Uma verdadeira indecencia. Não tem outro nome.

Se alguem duvidasse do que tantas vezes, tantas, aqui escrevemos, quer dizer, de que o povo portuguez não tinha caracter, e de que a grande obra nacional era, antes de tudo, formar ou reconstituir esse caracter, não pode já ter, a estas horas, illusões nenhumas.

Era bem verdade o que nós diziamos, isto é, que a politica tinha constituido entre nós uma profissão, uma arte de explorar, de roubar, de viver á custa alheia, um mercantilismo criminoso, um banditismo, e que esse banditismo era commum a monarchicos e a republicanos.

Porque se negaram sempre os republicanos a fazer a sua selecção? Porque não tinham caracter. Ser ladrão ou não ser ladrão, ser bandido ou não ser bandido, ser honesto ou não ser honesto, era-lhes indifferente. Bastava-lhes ser republicano. Ser republicano era salvaguarda para tudo. Era a absolvição de todos os peccados. Ora isso só o podia fazer um povo sem caracter.

Promettiam a selecção para depois da *revolução*. Ahi a teem. Hão de agora fazer bem a selecção, abafados sob a tormenta, a enorme tormenta das adhesões.

A falta de caracter dos republicanos era a falta de caracter dos monarchicos, mais do que nunca agora, e tão tristemente, evidenciada.

Que vergonha! Que enorme vergonha! Só para não dar origem a este espectaculo valia bem a pena não ter cá vindo a revolução.

Não nos falem em povo heroico. Tenham a nobreza, ao menos uma vez na vida, de dizer a verdade. Isto não é um povo heroico. Isto é, simplesmente, um povo corrompido até á medulla dos ossos.

Que vergonha! Que enorme vergonha!

Que impudor! Que desfaçatez! Que descaro! Que salteadores! Que bandidos!

Nem deixaram passar oito dias! Nem oito dias! Nós falavamos, no domingo. nos trez mezes de lucto do estylo. Nem oito dias!

Que bandidos! Oh, que bandidos!

E que lhe hão de fazer os republicanos? E que auctoridade teem os republicanos, que exaltaram todos os ladrões, todos os bandidos da sua grei, para correr com esses bandalhos?

Impossivel!

Por mais auctoridade que tivessem os republicanos seria impossivel resistir a essa nuvem de gafanhotos, que cahiu sobre elles qual outra praga do Egypto. Elles declaram-se republicanos! Como republicanos invadem a republica! Que remedio teem os republicanos, se elles, os bandidos, representam o grosso da nação, que remedio teem senão deixal-os passar, abrir-lhes caminho, ceder-lhes terreno?

Quer queiram, quer não queiram, hão de ser vencidos por elles. Porque elles são o numero! E não apparecem como monarchicos *a guerrear*. Apparecem como republicanos... *a offerecer serviços!*

Por mais auctoridade que tivessem os republicanos era impossivel resistir-lhes. Mas a minoria dos honestos entre os proprios republicanos era pequenissima. Pequenissima! O grosso do exercito republicano não valia mais que o grosso do exercito monarchico. De maneira que se attrahem, agora, mutuamente. Reconhecem-se, beijam-se como irmãos, e cahem todos, abraçados, na orgia. Isto é, definitivamente, paiz perdido.

No penultimo numero do *Povo de Aveiro*, o do dia 2 de outubro, publicado na ante-vespera da revolução, escreviamos:

«E', ao menos, alguma coisa a nação? Ao menos é como quem diz: no meio d'esta desgraça a que chegámos?

Porque isto é uma grande, uma enormissima desgraça.

Terá ella forças de resistencia? Elementos de salvação?

Vamos vê-lo. E' agora que se vae definir, d'uma vez para sempre, o valor da nossa raça.

Quando se deu a ultima crise ministerial, escrevi aqui: *E' agora que se vae vêr se o rei é um homem ou se não é. E' agora que vae acabar a incerteza.* E assim foi. Já ninguem tem duvidas. O rei, forçado a revelar-se, revelou-se. O rei não presta.

Da mesma fórma, hoje digo: *E' agora que se vae vêr se este povo tem ou não tem condições de capacidade e reacção que o salvem, tornando-o um povo livre.*»

Está visto. Isto é paiz perdido!

Não confundamos, como tambem já dissemos no domingo, heroicidade pessoal com heroicidade civica. Bravura pessoal com valor moral. Valente, bravo, é o marroquino. Valente, bravo, é o preto. E, comtudo, nem o marroquino nem o preto tem o valor moral e intellectual dos povos progressivos. E' um facto de simples observação, e, ao mesmo tempo, um facto scientifico, registado por todos os historiadores modernos e por todos os anthropologistas e psychologistas.

O rei não prestava. Mas é de justiça dizer-se que ninguem pode ser juiz com taes mordomos. Não prestava, não. Mas fosse um santo, que não faria nada com bandidos d'esta laia.

Tem-se feito muita injustiça, e não ha ninguem que as não faça na exaltação do amor ou na exaltação do odio. Todos nós somos sujeitos a illusões e nenhum de nós deixou, jamais, de se illudir, uma ou outra vez, no decurso da sua existencia. Ora confessemos: o mal é da raça, não é das instituições.

O mal é da raça! Oh, se é da raça!

E' preciso notar-se que eu proprio, que estou escrevendo estas linhas, tenho combatido, muitas vezes, e com extremo denodo, esse ponto de vista. No meu orgulho, no meu amor patrio, eu não queria que o mal fosse de raça. Eu queria attribuir tudo ao meio, aos habitos, á educação. Eu desesperava quando ouvia dizer o contrario. Eu cheguei a romper relações, por isso, só por isso, com alguns dos meus mais intimos amigos. Enlevado no meu amor da educação, da instrucção, eu queria corrigir tudo com a excellencia da instrucção e a perfeição da educação. E, arrastado pelo meu temperamento forte, era ahi, como quando se apossa de mim uma convicção, intransigente. Mas os factos foram-se impondo com uma verdade, uma logica tremenda. Como resistir á evidencia?

O rei podia ser um genio, um santo, coitado, que o resultado seria o mesmo. Elle, o pae e o avô. Como genio ainda poderia fazer muito se fosse rei absoluto. Mas em constitucionalismo não fária coisa alguma. Isto é povo de que se pode fazer muito com o absolutismo. De que não se faz nada, porque elle não tem capacidade dirigente, porque elle não assimila a liberdade, com o constitucionalismo.

E' bravo. Tem heroicidade militar. Mas não tem capacidade dirigente.

Estes bandidos, que se passaram agora em massa para a republica, são os mesmos que insultavam o rei, que se colligavam com os republicanos, que conspiravam, até, que faziam tudo, logo que eram substituidos no ministerio. O que elles queriam era o poder. Só o poder! Derribar o ministerio fosse como fosse. Para quê? Para fazer vingar um grande principio? Não. Para comer!

Agora... a mesma coisa. Já dizem que o rei *foi muito bem posto no olho da rua*. Que a monarchia *já devia ter cahido ha muito tempo*. Elles, que ainda hontem faziam a apologia do rei e estigmatisavam a republica!

Que havia de fazer o rei com estes bandidos?

Que hão de fazer os poucos republicanos honestos, democratas e patriotas que ainda existem?

O quadro politico é este. Entre monarchicos e entre republicanos. A maioria dos republicanos, bandidos. A maioria dos monarchicos, a enorme maioria, bandidos. *Não temos outros portuguezes* nem outros quadros politicos. Logo... está tudo perdido.

Os republicanos sinceros deviam ter visto isto. Os poucos republicanos sinceros que havia. Deviam ter feito uma obra de moralisação, em vez de se terem deixado ir na corrente da desmoralisacão. Eram poucos, mas, emfim, ainda podiam ter constituido um nucleo de

educação e de attracção. Não quizeram? Pois ahi teem o resultado.

Acabaram de anarchisar isto. Relaxaram todos os laços sociaes. Anniquilaram o resto da velha moral que ainda existia. Para cahir tudo, assim anarchisado, assim relaxado, assim anniquilado no papo dos bandidos que combatiam.

Era fatal. Eu bem lhes dizia!

Tinham a ingenua esperança de, em cima da revolução, moralisar isto. Era impossivel. Eu bem lhes dizia!

Vão agora lá moralisar. Como?

Se tivesse restado um partido monarchico, forte, organisado, a fiscalisar, a corrigir, emfim, a separar campos e principios, ainda poderia ser. Mas agora?

Elles, os monarchicos, levam comsigo as influencias eleitoraes. Se houvessem permanecido na monarchia, a pouco e pouco, mas n'um praso curto, as perdiam. Porque se elles estão desmoralisados, o povo tambem o está. O povo vende o voto. Quando não é por dinheiro, é por favores. Quando não é por favores para elles, é por favores para as localidades, cidades, villas e aldeias. Elles perdiam, os do estado maior monarchico, a influencia eleitoral, se teem persistido na monarchia. Pois porque se apressaram elles tanto a adherir? Foi por isso. Mas a verdade é que tendo adherido ao fim de tres dias, levam comsigo a clientella toda e os republicanos... ficam comidos.

Comidos! E digeridos!

E eis para que os senhores tanto se esfalfaram a... fazer a republica.

Mane, thecel, pharès.

E' o destino de todos os povos quando se deixaram, até á medulla, prostituir.

O POVO DE AVEIRO

Vende-se

Aveiro—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça do Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Raphael dos Santos, rua do Ouro, 124; Tabacaria Bocage, Praça de D. Pedro 36; João Teixeira Frazão, Rua do Amparo, 52; Kiosque Oriental, Praça Duque da Terceira; Tabacaria Viegas, Rua dos Poyaes de S. Bento 102 a 104; Rozendo R. Gonçalves (Tabacaria Gonçalves), Rua de Santo Ámaro 1 a 5; A. Ponte Ferreira, Rua Conde Redondo 133 Bairro de Camões; Havaneza dos Paulistas, Calçada do Combro 113; Tabacaria Godinho, Calçada da Estrella, 25; José dos Santos, Rocio, 108; J. D. Ferreira, Rua Saraiva de Carvalho 105 B.; João Rodrigues Mattos, Rua dos Cavalleiros, 97; Antonio Marques, Rua da Esperança, 210; José Francisco Martins, Largo do Calhariz, n.º 4; José Pires Gonçalves, Rua da Magdalena, 188-190; Kiosque Largo de S. Roque; Tabacaria Amelia, Rua de S. Pedro d'Alcantara, 47; Manuel Loureiro do Prado, Rua do Possollo, 27; Tabacaria Machado, Palacio Foz, Praça dos Restauradores, 31 K; Domingos Silva, kiosque do Largo do Intendente; Antonio Maria da Silva, largo de S. Domingos, junto ao Quartel General.

PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria de C. A. Guimarães, Rua Formosa, 290 A; Antonio Pinto, Praça de D. Pedro, 20; Alfredo Ribeiro da Costa, Rua da Lapa, 15-16.

Vizeu — Kiosques do Rocio; **Espinho** — Kiosque Reis; **Chaves** — Annibal de Barros. **Villa Real** — Kiosque Trindade, **Alvorninha** — Paulino da Silva Mendes. **Estoril** — Alfredo Pinto, Buffete da Estação. **Selxal** — Profirio Ferreira. **Mangualde** — Bento d'Almeida Campos. **S. Thiago de Cacem** — Joaquim Gervasio. **S. Pedro do Sul** — José Augusto d'Almeida. **Faro** — Francisco Matheus Fernandes. **Cascaes** — José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea. **Cortegana**, Alemquer — João dos Santos Pereira. **Paderne**, (Algarve) — Antonio Anacleto d'Oliveira.

Torres Novas — João Rodrigues Sentieiro. **Amareleja** — **Moura** — Manuel Frade. **Castello Branco** — Vende-se pelas ruas. **Monte-mór-o-Novo** — Fortunato Reinata. **Tondella** — Adelino Simões. **Pedrogam Grande** — João Antonio Fernandes. **Idanha a Nova** — Christiano Pereira Barata. **Ançã** — José da Costa Neves. **Braga** — Manuel Gonçalves Vaz, Kiosque Gonçalves. **Taboa** — Francisco da Costa Carvalho. **Monsão** — João da Silva Guimarães. **Figueiró dos Vinhos**—José Miguel Fernandes David. **Pinhel** — Estabelecimento de D. Josephina da Silva Torres.

Vianna do Castello — No estabelecimento de Boaventura José de Carvalho; José Antonio d'Araujo Junior, Rua 8 de Maio, 122. **Lamego** — Joaquim Valente. **Elvas** — Luiz Samuel da Silva. **Agueda** — Eduardo dos Santos Trinta. **Covilhã** — João Pereira Saraiva. **Santa Cruz da Graciosa** — Antonio Ernesto Esteves. **Fundão** — Belarmino Barata **Guarda** — José da Silva. **Arganil** — José Baptista de Carvalho.

Cadaval—Antonio Lopes Leal. **Moura**—José Fragoso de Lima Nunes. **Alcochete** — Joaquim Valentim. **Santarem** — Vende-se nas ruas. **Coja** *(Arganil)* — Antonio das Neves Pimenta. **Castello de Vide** — Antonio Louenço Beliz. **Villa Viçosa** — Luiz Fillippe d'Abreu. **Vianna do Alemtejo** — Joaquim Antonio Carvalho.

Louzã — Adelino P. Erse. **S. Bartholomeu de Messines**—A. Cabrita do Rosario. **Coimbra** — Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27; Casa Feliz, rua Infante D. Augusto. **Oliveira do Hospital**—José de Mello Alves Brandão. **Gouveia** — Manuel A. Manta, Rua Braamcamp. **Leiria** — Jayme Monteiro. **Portalegre**—João Gervasio Coelho, Largo da Sé. **Vendas Novas**—Joaquim Maria de Andrade (*o Varino*). **Setubal** — Manuel Tavares. **Arronches** — Miguel Maria. **Certã** —Luiz da Silva Dias. **Santo Amaro (Oeiras)** — Francisco Mórem. **Mirandella** — Annibal Cunha.

Bragança—Manuel Benito. **Funchal**—Francisco de Senna Lisboa, Kiosque da Constituição. **S. João da Madeira** — Venda pelas ruas. **Oliveira d'Azemeis** — Venda pelas ruas. **Albergaria-a-Velha**—Venda pelas ruas. **Porto de Móz**—José Henriques. **Alandroal**—Armando Tavares de Moura Palhas, Pharmacia Caeiro. **Alemquer** — João Matheus da Silva Brito, Rua Direita. **Fáfe** — Almeida Guimarães & Alves. **Cabanas**—Julio Requixa. **Ponta Delgada** —**S. Miguel** — Café Tavares. **Guimarães** — Antonio Lopes Martins. **Esmoriz** — Paulino Rodrigues d'Almeida. **Olhão**— Antonio de Souza Gouveia. **Molta do Ribatejo** — Victorino Soeiro.

Povoa de Varzim — Marques & Carneiro. **Ilhavo** — Estabelecimento de Bernardo Razoilo. **Mira** — João Simões Marques da Cruz. **Estoy** *(Algarve)* — Fernando Martins Corial. **Ponte do Lima** — João dos Reis Sequeiro.

Nas Caldas da Rainha:

Tabacaria de José da Silva Dias.

BRAZIL

Rio de Janeiro — Livraria Schettino — Travessa do Ouvidor, 18; — Rua 1.º de Março (esquina da rua do Ouvidor) ponto dos Jornaes; Braz Lauria —Rua do Ouvidor, 181; A. Moura — Rua da Quitanda, 114; Gare da Estrada de Ferro Central.

Manaus — Agencia Freitas.

Santos — José de Paiva Magalhães, rua de Santo Antonio, 84, 86.

Pará — Agencia Martins, T. Campos Salles, 15.

AGENCIAS DE ANNUNCIOS
—DO—
POVO DE AVEIRO

Lisboa
L. de S. Domingos 20
JUNTO Á CALÇADA DO GARCIA

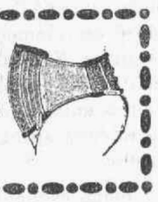
Porto
P. de D. Pedro, 9 e 10
TABACARIA TEIXEIRA

Bebam as Aguas Medicinaes
DO
CASTELLO DE MOURA

Os que soffram de HERNIAS (QUEBRADURAS) e as senhoras que tambem soffram de dilatação do ventre, descida e queda do utero, rim movel, eventrações, obesidade, etc., não devem deixar de ler o folheto illustrado, com mais de 80 gravuras, A HERNIA E A VERDADE SOBRE A SUA CONTENÇÃO, que se envia GRATIS a quem o requisitar ao orthopedico M. MARTINS.

170, RUA DA MAGDALENA, 172

Em frente da Rua de Santa Justa — LISBOA



Polpa Melaçada

E' hoje o alimento, por excellencia, preconisado para alimento dos cavallos, vaccas, porcos, ovelhas, etc., etc.

Unico importador para Portugal, Colonias e Brazil

Antonio Rosado Caeiro = Rua Augusta 240, 1.º - LISBOA

Vendas por grosso e retalho:

Rua do Amparo, 1 — Rua Nova do Almada, 98

Calçada do Marquez de Abrantes, 64

ACCEITAM-SE AGENTES EM TODAS AS TERRAS DE PROVINCIA

"Cosmopolia"

Revista mensal illustrada de litteratura internacional.

Redactor em chefe:

HOMEM CHRISTO, FILHO

Escriptorios da Redacção e Administração, da secção editora em todas as linguas, da organisação de traducções, salões de exposição e conferencias, gabinete de leitura contendo alguns milhares de volumes das litteraturas italiana, hespanhola, brazileira, portugueza, ingleza, turca, persa, allemã, hollandeza, japoneza, russa e revistas e jornaes de todo o mundo.

Faubourg Poissonière, III — Paris

Com o concurso e collaboração effectiva dos mais eminentes escriptores e artistas da Europa e America, começará a publicar-se proximamente, a revista **Cosmopolia**, que tem por fim tornar conhecidas e apreciadas em França as litteraturas extrangeiras, para o que consagrará cada numero a um determinado paiz do mundo, contribuindo tambem para o desenvolvimento da moderna litteratura franceza, facultando as suas columnas a todos aquelles que, ainda novos e ignorados do grande publico, se imponham, no emtanto, por um verdadeiro e solido talento litterario.

O 1.º numero de **Cosmopolia** será, pois, publicado muito brevemente, logo que o sr. Homem Christo, Filho, que está no Brazil, d'onde seguirá para a Argentina, Chili, Uruguay e Paraguay, a fazer a propaganda da nova revista, regresse a Paris. Dadas as proporções colossaes que teem attingido os pedidos do 1.º numero, enviados de toda a parte, a Administração de **Cosmopolia** vê-se forçada, para regular a tiragem, a inscrever desde já os nomes d'aquelles que desejarem obtel-a.

Locaes de inscripção:

Em Paris: Faubourg Poissonière, 111.

Em Portugal: *Lisboa*—Tabacaria Monaco, Praça de D. Pedro.

Porto—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro.

Coimbra—Livraria F. França & Armenio Azevedo.

Aveiro—Redacção do *Povo de Aveiro.*

ASSIGNATURAS

França: Anno—Serie de 12 numeros, 24 francos. Semestre, serie de 6 numeros, 12,50 francos.

Extrangeiro: Anno — Serie de 12 numeros, 25 francos. Semestre, serie de 6 numeros, 13 francos.

AGUA DA CURÍA

Semelhante á de Contrexéville

Estimula a acção dos rins que são os filtros do corpo humano.

Experimentae a

AGUA DA CURÍA

Representante e depositario em Lisboa:

Humberto Bottino

Praça dos Restauradores, 31-H

TELEPHONE: 3035

Aguas
CASTELLO DE MOURA

Explendidas e incomparaveis aguas de meza, com optimos resultados nas doenças da bexiga, rins, estomago, etc.

Deposito no norte do paiz:

26, Rua Mousinho da Silveira, 28

PORTO

HOTEL UNIVERSAL

Proprietarios:

RAMIRES & C.ª

—Praça da Batalha — PORTO—

Hotel de primeira ordem installado no melhor sitio da cidade, com explendida sala de jantar, installações electricas, caixa de correio e explendidas casas de banho.

Preços diarios, a começar em 1$200 réis

Empreza Cinematographica
IDEAL

Manufactura Portugueza de Pellicula

Salão e Escriptorio
Rua do Loreto, 15 e 17
LISBOA

Atelier de pose e officinas
Cerca do Colleginho, 7
LISBOA

Endereço telegraphico: IDEALÃO

SUCCURSAES: No Porto, Paris, Berlim, Londres, Vienna d'Austria, Madrid, e em todos os Estados do Brazil.

Fornecimentos completos para animatographos, aluguer e venda de fitas completamente novas em Portugal. Projecções com luz electrica ou luz artificial em theatros, qualquer casa, ou de espectaculos, clubs, escolas e casas particulares, para o que tem pessoal habilitado.

Contractos especiaes para a Africa e Brazil

A Empreza Cinematographica Ideal é a unica que, devido ás suas bellas installações de POSE, pode apresentar assumptos genuinamente portuguezes, desempenhados pelos nossos principaes artistas e quadros panoramicos representando os melhores pontos e os mais bellos costumes de Portugal.

Mediante contracto especial a Empreza tambem se encarrega da tiragem de qualquer fita de reclamo a estabelecimentos, fabricas, officinas, etc.

FARINHA LACTEA NESTLÉ

Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

O antigo 606

Tisana depurativo ASSIS

Segundo o processo de Faro

Todo o Portugal, Africa e Brazil, ha 40 annos, conhecem os effeitos garantidos contra a syphilis, d'esta maravilhosa preparação.

Deposito geral

ASSIS & COMMANDITA

Rua dos Douradores, 32, 1.º — LISBOA

No Porto:

SANTOS & SANTOS — Rua das Flôres, 36

FRASCO	6 FRASCOS
1$000 réis	5$400 réis

Artigos graphicos

Os melhores, os mais baratos, os mais resistentes, são os da casa PEDRO, MIRANDA & C.ª SUC.res. Representante da Casa **J. G. Schelter e Guiescke** incontestavelmente a melhor fundição do mundo!

Material branco, **estrangeiro**, sempre em deposito, ao preço do nacional.

Pede-se a todos os srs. industriaes que não fechem as suas transacções sem consultarem os nossos preços.

Pedidos a

PEDRO, MIRANDA & C.ª Suc.res

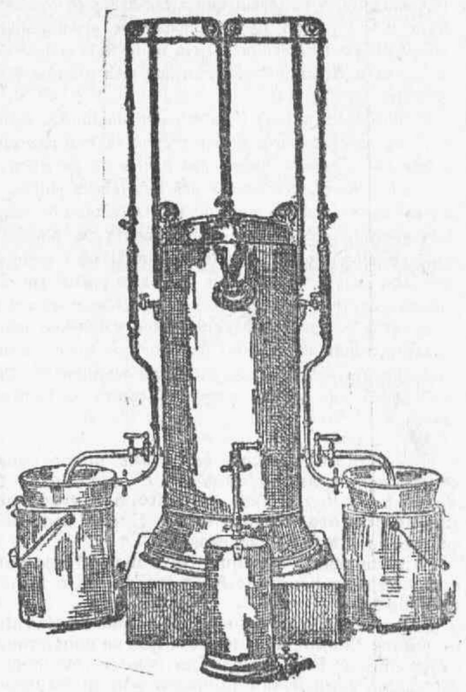
Rua da Picaria, 59—PORTO

Telegrammas «ADNARIM» **Porto.**

A. Anselmo & C.ª

20, LARGO DE S. DOMINGOS, 20

LISBOA



Canalisações para agua, gaz e acetylene, Gazometros para acetylene em chapa de ferro chumbada, com um e dois geradores, os mais praticos, solidos e economicos

Absoluta segurança e simplicidade no funccionamento. O mais perfeito purificador até hoje conhecido. Accumulador interior. Carboneto dividido em secções. Gazometros para bordo. Montagens garantidas e economicas.

Pedir preços e condições a

A. ANSELMO & C.ª

LARGO DE S. DOMINGOS, 20
LISBOA

Tinta de copiar a secco

Sem molhar o papel e conservando os copiadores como novos. Economia de tempo e trabalho. Excellente resultado na pratica. Ultima novidade. Descontos aos revendedores.

Deposito geral:

Rua de S. Paulo, 9, 1.º — LISBOA

TELEPHONE: 2378

Rua de Santa Catharina, 32, 1.º — PORTO

RECOMMENDA-SE O
PAPEL PARA CIGARROS
ESTRELLA
ALCATRÃO ESPECIAL

A VENDA EM TODA A PARTE

CADA LIVRO 10 RS

J. WIMMER & C.º
LISBOA

Grande deposito

De moveis de ferro e colchoaria

Artigos de folha e zinco.

José A. de C. Godinho

54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

TELEPHONE — 2652

Typographia a vapor
—DE—
O POVO DE AVEIRO

TRABALHOS COMMERCIAES

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa *Bauer & C.º*, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa *Bauer* e da casa franceza *Turlot*, orlas e vinhetas decorativas *Turlot*, *Berthol*, de Berlim, e de *Klinkhardt*, de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª*, de Frankenthal, *Ingenfrost*, de Leipzig, *Dietz & Listing*, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memoranduns, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a **Francisco Manuel Homem Christo,** *proprietario, director e administrador de* **O POVO DE AVEIRO.**

Bilhetes de visita desde 400 réis o cento

RUA D'ARNELLAS — AVEIRO